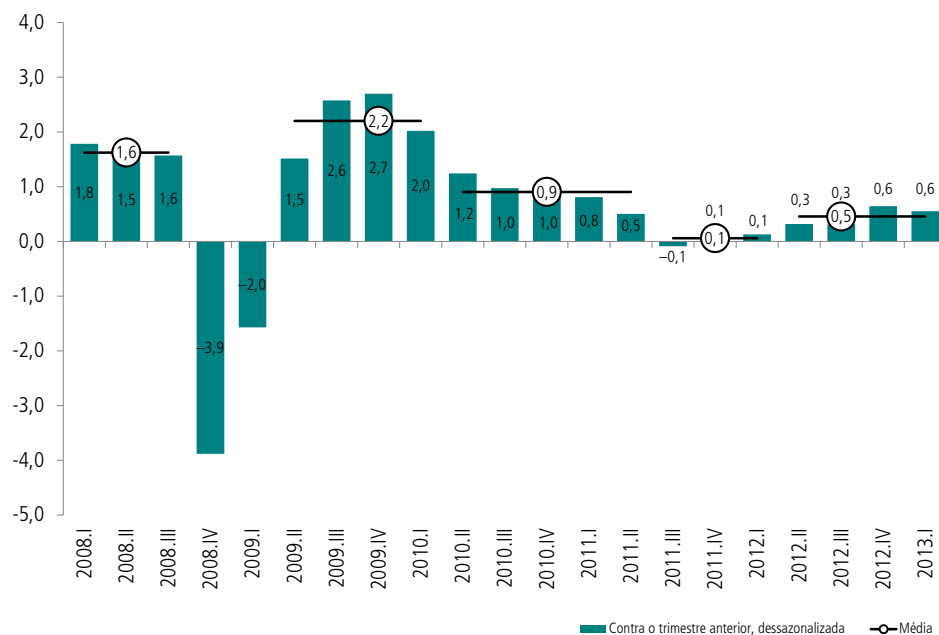


# 1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O Produto Interno Bruto (PIB) avançou 0,6% no primeiro trimestre de 2013 em relação ao quarto trimestre de 2012, na série livre de efeitos sazonais, repetindo o desempenho observado no período anterior. Mesmo interrompendo a trajetória de aceleração verificada ao longo do ano passado, este resultado reforça o diagnóstico de recuperação moderada da atividade econômica, elevando a taxa média de expansão dos últimos quatro trimestres para 0,5% (gráfico 1.1). Com isto, o *carry-over* (carregamento estatístico) para 2013 aumentou de 0,7% para 1,3%, ou seja, o PIB crescerá a esta taxa ao final do ano, caso permaneça estagnado durante os próximos três trimestres, na série com ajuste sazonal.

GRÁFICO 1.1  
PIB: evolução das taxas de crescimento dessazonalizado  
(Em %)

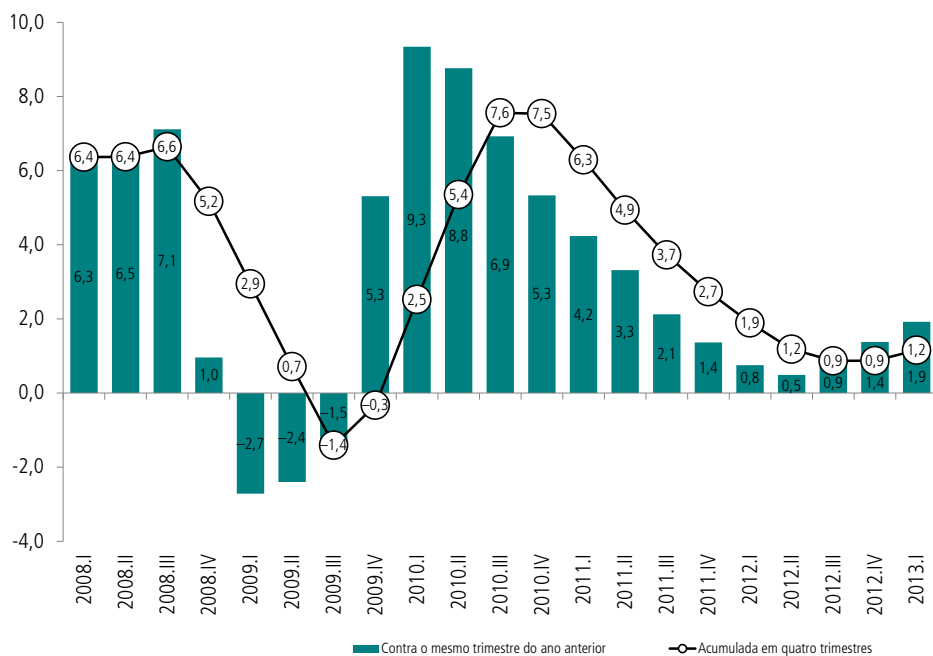


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a taxa de crescimento do PIB acelerou pelo terceiro período consecutivo, passando de 1,4% para 1,9%. O cenário de recuperação gradual da economia também pode ser visto na taxa de expansão acumulada em quatro trimestres que, após se manter estável em 0,9% nos dois últimos períodos, registrou crescimento de 1,2% (gráfico 1.2).

A composição do crescimento do PIB do primeiro trimestre foi bem diferente daquela que se observou ao longo do ano passado, havendo forte aceleração na margem ocorrida na formação bruta de capital fixo (FBCF) (4,6%) acompanhada de uma desaceleração nas taxas de expansão do consumo das famílias (0,1%) e do consumo do governo (0,0%). A absorção doméstica voltou a crescer acima do PIB, implicando contribuição negativa do setor externo.

GRÁFICO 1.2  
**PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e acumulado em quatro trimestres**  
 (Em %)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

## COMPONENTES DA OFERTA

Na comparação entre o primeiro trimestre de 2013 e o mesmo período do ano anterior, a agropecuária foi o grande destaque positivo entre os setores produtivos. Embora tenha ocorrido sobre uma base deprimida, uma vez que o setor sofreu contração de 11,2% na margem no primeiro trimestre de 2012, o crescimento de 17,0% representou recorde histórico na série do IBGE (tabela 1.1). Isso adicionou 0,8 ponto percentual (p.p.) à taxa trimestral do PIB. Além de ganhos na produtividade, este resultado pode ser explicado pelo bom desempenho de alguns produtos da lavoura, que concentraram suas safras neste período, como, por exemplo, soja (23,3%), milho (9,1%), fumo (5,7%) e arroz (5,1%). No acumulado em quatro trimestres, o setor também apresentou forte recuperação em relação ao período anterior, passando de -2,3% para 3,9%. O *carry-over* para 2013 ficou em expressivos 9,2%.

Já o setor de serviços desacelerou a sua taxa de expansão, que passou de 2,2% no quarto trimestre de 2012 para 1,9% no primeiro deste ano, em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior. Ainda assim, apresentou a maior contribuição para o crescimento do PIB, adicionando 1,1 p.p. à sua taxa interanual. A perda de fôlego no primeiro trimestre refletiu o desempenho das atividades transporte, armazenamento e correios e outros serviços, cujas taxas de crescimento se reduziram de 2,0% para 0,3%, e de 3,8% para 2,6%, respectivamente. No acumulado em quatro trimestres, o setor manteve o desempenho do período anterior, com alta de 1,7%. Com isso, o carregamento estatístico para 2013 ficou em 1,4%.

A indústria, por sua vez, apresentou o pior resultado na comparação interanual. Após ficar praticamente estável no período anterior, o setor caiu 1,4% ante o primeiro trimestre de 2012. Com este resultado, a contribuição para o crescimento interanual do PIB foi negativa em 0,3 p.p. Entre as atividades, o setor eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, foi o único a registrar variação positiva, com alta de 2,6%. Ainda nesta base de comparação, enquanto a construção e a indústria de transformação recuaram 1,3% e 0,7%, respectivamente, a extrativa mineral registrou recuo de 6,6%, afetada pelo mau desempenho dos setores de petróleo e minério de ferro. No acumulado em quatro trimestres, a indústria recuou pelo quarto período consecutivo, registrando queda de 1,2%. O mau desempenho do setor também se refletiu no *carry-over* para o restante do ano, que ficou negativo em 0,4%.

TABELA 1.1

**PIB: taxa real de crescimento trimestral e acumulado no ano**

(Em %)

	2011				2012				2013	Variação acumulada no ano		
	I	II	III	IV	I	II	III	IV	I	2011	2012	2013
PIB pm	4,2	3,3	2,1	1,4	0,8	0,5	0,9	1,4	1,9	2,7	0,9	1,9
Imposto s/ produtos	6,5	5,9	3,0	2,0	1,6	0,7	1,2	2,7	2,4	4,3	1,6	2,4
Agropecuária	3,3	-0,6	6,9	8,4	-8,5	1,7	3,6	-7,5	17,0	3,9	-2,3	17,0
Indústria	3,8	2,1	1,0	-0,4	0,1	-2,4	-0,9	0,1	-1,4	1,6	-0,8	-1,4
Serviços	4,0	3,7	2,0	1,4	1,6	1,5	1,4	2,2	1,9	2,7	1,7	1,9
Consumo – total	4,9	5,1	2,4	2,0	2,8	2,6	3,4	3,7	2,0	3,5	3,1	2,0
Famílias	6,0	5,6	2,8	2,1	2,5	2,4	3,4	3,9	2,1	4,1	3,1	2,1
Governo	1,8	3,5	1,2	1,3	3,4	3,1	3,2	3,1	1,6	1,9	3,2	1,6
FBCF	8,8	6,2	2,5	2,0	-2,1	-3,7	-5,6	-4,5	3,0	4,7	-4,0	3,0
Exportação	4,0	6,2	4,1	3,7	6,6	-2,5	-3,2	2,1	-5,7	4,5	0,5	-5,7
Importação	13,4	14,8	5,8	6,4	6,3	1,6	-6,4	0,4	7,4	9,7	v0,2	7,4
PIB pm var. dessaz. (%)	0,8	0,5	-0,1	0,1	0,1	0,3	0,3	0,6	0,6			

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

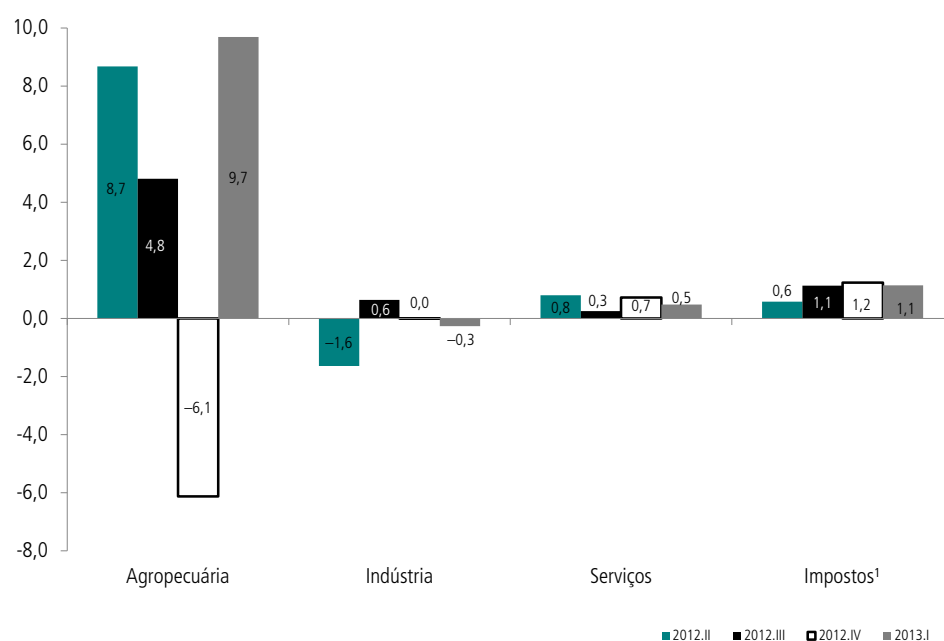
Na comparação entre o primeiro trimestre de 2013 e o quarto de 2012, na série dessazonalizada, a agropecuária também foi o grande destaque, registrando avanço de 9,7%, o melhor resultado desde o segundo trimestre de 1998 (gráfico 1.3). Já o setor de serviços sofreu pequena desaceleração na margem, reduzindo sua taxa de crescimento de 0,7% para 0,5%. Nesta base de comparação, os destaques positivos foram administração, saúde e educação pública (+0,8%), serviços imobiliários e aluguel (+0,7%), e comércio (+0,6%).

Ainda na série dessazonalizada, após ter permanecido estagnada no final do ano passado, a indústria voltou a decepcionar, registrando retração de 0,3% nos primeiros três meses de 2013. Vale destacar que desde o terceiro trimestre de 2011 o setor vem mantendo um desempenho frustrante, refletido numa taxa média de expansão marginal (-0,3%) para o período. Por trás do resultado do primeiro trimestre, apenas a indústria de transformação registrou variação positiva, com alta de 0,3% na margem. Entre as demais atividades, o destaque negativo foi a extrativa mineral, que contraiu 2,1% e já acumula uma queda de 4,2% nos últimos cinco trimestres.

GRÁFICO 1.3

**Componentes do PIB pelo lado da oferta: evolução das taxas de crescimento dessazonalizado**

(Em %)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Nota: <sup>1</sup>Dessazonalização própria.

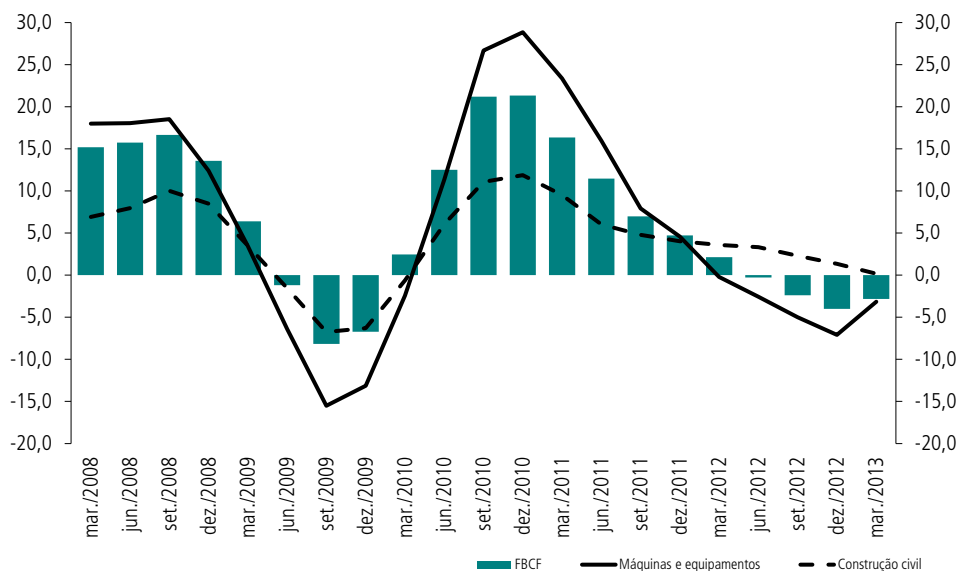
## COMPONENTES DA DEMANDA

O consumo das famílias cresceu pelo 38º trimestre seguido, registrando expansão de 2,1% na comparação entre o primeiro trimestre de 2013 e o mesmo período do ano anterior. Este resultado representou importante desaceleração da taxa de expansão interanual, que ficou 1,8 p.p. abaixo do resultado atingido no quarto trimestre de 2012. A este respeito, vale destacar que desde o terceiro trimestre de 2011 o deflator implícito do consumo das famílias vem apresentando taxas interanuais superiores às do deflator do PIB. Esta mudança de preços relativos, refletida na queda persistente do poder de compra do PIB em termos de consumo, pode estar associada ao ritmo de crescimento mais acelerado dos preços de serviços (*non tradables*) vis-à-vis os de bens industriais (*tradables*). Ainda assim, o consumo das famílias voltou a ser o componente com a maior contribuição no resultado trimestral do PIB, adicionando 1,3 p.p. No acumulado dos últimos quatro trimestres, a taxa de expansão se manteve praticamente estável, passando de 3,1% para 3,0%. O *carry-over* para 2013 ficou em 1,4%.

A FBCF foi o grande destaque entre os componentes do PIB pelo lado da demanda, registrando alta de 3,0% na comparação interanual. Este foi o primeiro resultado positivo após quatro trimestres e adicionou 0,5 p.p. ao crescimento do PIB. Apesar disso, a taxa de investimento líquida a preços correntes ficou em 18,4%, contra 18,7% em igual período do ano passado. Parte da explicação para isto, uma vez que a variação trimestral do FBCF em volume superou a do PIB, está no comportamento dos seus deflatores. Ao contrário do que aconteceu com o consumo das famílias, houve um barateamento dos investimentos em relação ao PIB, refletido em taxas de variação interanuais de 3,0% e 5,4%, dos respectivos deflatores. Já a taxa de poupança bruta sofreu forte recuo nesta mesma base de comparação, passando de 15,7% para 14,1%.

Com o resultado do primeiro trimestre, a taxa de expansão acumulada em quatro trimestres da FBCF ficou menos negativa, passando de -4,0% para -2,8%, deixando um carregamento estatístico de 4,3% para 2013. Esta melhora foi reflexo do bom desempenho do consumo aparente de máquinas e equipamentos (Came) nos três primeiros meses do ano, ao passo que a construção civil vem mantendo uma trajetória de desaceleração (gráfico 1.4). Enquanto a taxa de crescimento anual do Came passou de -7,1% para -3,2%, o setor da construção civil desacelerou para 0,2%, na mesma base de comparação.

GRÁFICO 1.4  
FBCF e componentes  
(Taxa de crescimento real acumulada em quatro trimestres, em %)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

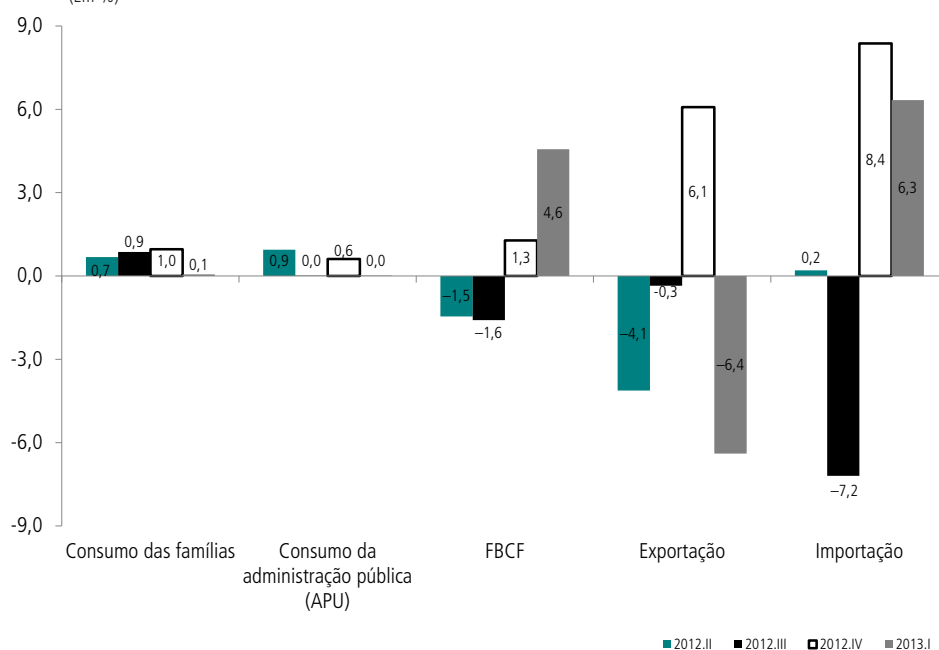
Em termos da formação bruta de capital (FBC), vale destacar a participação da variação de estoques no desempenho do PIB no primeiro trimestre de 2013. Invertendo a dinâmica verificada ao longo de todo o ano passado, quando se deu um longo processo de ajustamento, os estoques voltaram a crescer nos três primeiros meses deste ano, adicionando 1,3 p.p. à taxa interanual do PIB.

Por fim, ainda na comparação contra o mesmo trimestre do ano anterior, nota-se que a absorção doméstica, composta pelo consumo total (famílias e governo) e pela FBC, voltou a crescer num ritmo superior ao PIB, implicando

forte contribuição negativa das exportações líquidas, que retiraram +1,5 p.p. do seu crescimento interanual. Este resultado foi reflexo da queda de 5,7% das exportações de bens e serviços, enquanto as importações cresceram 7,4%.

Na série livre de influências sazonais, a análise dos componentes do PIB pela ótica da demanda também aponta para uma desaceleração do consumo das famílias, que se manteve virtualmente estagnado na passagem entre o quarto trimestre do ano passado e o primeiro de 2013, registrando variação positiva de apenas 0,1% (gráfico 1.5). Este foi o pior resultado desde o terceiro trimestre de 2011 e reflete, em parte, a acomodação do mercado de trabalho, assim com a desaceleração do crescimento do crédito e da renda real. O consumo do governo teve variação nula nos primeiros três meses de 2013. Já a FBCF foi o destaque do período, registrando crescimento de 4,6% na margem, a maior taxa desde o primeiro trimestre de 2010. Por fim, assim como aconteceu na comparação interanual, a absorção interna<sup>1</sup> também cresceu acima do PIB na margem, avançando 2,6% na série dessazonalizada. Este resultado, bastante influenciado pelo comportamento da variação de estoques, provocou um vazamento externo bastante significativo no primeiro trimestre de 2013, que se refletiu no crescimento das importações (6,3%) combinado à queda das exportações (-6,4%).

GRÁFICO 1.5  
Componentes do PIB pelo lado da demanda: evolução das taxas de crescimento dessazonalizado  
(Em %)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

De acordo com os dados divulgados na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) do IBGE, a indústria registrou crescimento bastante positivo na passagem entre os meses de março e abril, avançando 1,8% na série livre de influências sazonais (tabela 1.2). Este foi o segundo avanço consecutivo nesta base de comparação, mais que superando a queda de 2,4% ocorrida em fevereiro.<sup>2</sup> Com isso, o índice da média móvel trimestral registrou a quarta variação positiva, passando de 0,3% para 0,1%. Esta pequena desaceleração já era prevista, uma vez que a forte expansão verificada em janeiro (2,7%) elevaria a base de comparação do trimestre móvel janeiro-março. O resultado de abril foi importante, pois ainda que a produção apresente alguma acomodação no próximo mês, já garante um arrasto estatístico de 1,5% para o segundo trimestre, em termos dessazonalizados.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, após dois meses de queda, a produção industrial também registrou bom desempenho, com alta de 8,4% ante abril de 2012. Este resultado, a maior taxa desde agosto de 2006, foi influenciado pela presença de dois dias úteis a mais em relação ao ano passado. Vale destacar que a volatilidade recente das taxas interanuais está relacionada, em grande medida, ao número de dias úteis em cada mês. No acumulado do ano, o primeiro quadrimestre reverteu a queda de 0,6% observada nos primeiros três meses do

1. Dessazonalização própria.

2. A taxa de variação dessazonalizada referente ao mês de março foi revisada de 0,6% para 0,8%.

ano, registrando alta de 1,6%. Por sua vez, o resultado acumulado em doze meses, que se encontra em território negativo desde fevereiro de 2012, registrou queda menos acentuada que a do mês anterior, passando de -2,0% para -1,1%. Com o resultado de abril, o carregamento estatístico para o ano ficou em 2,5%.

TABELA 1.2  
**PIM-PF**  
(Variação, em %)

	Mês/mês anterior dessazonalizado <sup>1</sup>			Mês/Igual mês do ano anterior			Acumulado	
	Fev./2013	Mar./2013	Abr./2013	Fev./2013	Mar./2013	Abr./2013	No ano	Em doze meses
Geral	-2,4	0,8	1,8	-3,3	-3,6	8,4	1,6	-1,1
Classes								
Extrativa mineral	-2,0	-0,7	0,3	-10,3	-9,3	-8,3	-6,5	-2,5
Transformação	-2,5	0,9	1,7	-2,8	-3,3	9,4	2,1	-1,0
Categorias de uso								
Capital	1,7	0,7	3,2	8,9	3,9	24,4	13,4	-4,4
Intermediários	-0,9	0,5	0,4	-4,4	-2,4	5,0	0,4	-0,9
Consumo	-4,7	1,7	1,8	-5,0	-7,1	7,5	-0,2	-0,2
Duráveis	-7,6	5,5	1,1	-2,1	-4,1	14,9	4,5	1,4
Semi e não duráveis	-2,2	-0,4	0,9	-5,8	-8,1	5,2	-1,6	-0,7
Insumos da Construção Civil	-0,2	0,2	2,4	-3,6	-2,4	9,7	1,5	0,7

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Nota: <sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo IBGE (método X-12), exceto na construção civil cuja dessazonalização é realizada pelo Ipea por meio do método X-11.

Entre as classes de produção, a transformação avançou 1,7% em abril ante o mês imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. O crescimento foi mais disseminado que o verificado em março, com o índice de difusão<sup>3</sup> atingindo 65,4% (gráfico 1.6). Nas classes com maior peso, destacaram-se os setores: veículos automotores (+8,2%), que acumularam crescimento de 15,6% no último bimestre; máquinas e equipamentos (+7,9%), com variação positiva nos últimos quatro meses, que acumularam expansão de 19,2%; e alimentos (+4,8%), cuja alta mais que compensou a queda de 4,5% acumulada nos dois meses anteriores. Já os destaques negativos ficaram por conta de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicação (-6,5%); e bebidas (-5,9%). Com relação ao mesmo mês do ano anterior, a indústria de transformação também apresentou resultado positivo, com alta de 9,4%, sendo este o melhor resultado desde junho de 2010. Entre os 22 setores que registraram crescimento interanual, destacam-se veículos automotores, equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros e mobiliário, com altas de 23,9%, 23,7% e 20,0%, respectivamente.

Enquanto a transformação acelerou, a indústria extrativa mineral mostrou pequena recuperação na margem, com alta de 0,3% ante o mês anterior. Já na comparação interanual, a queda de 8,3% foi a terceira consecutiva. Sendo influenciado pelo mau desempenho das atividades ligadas à extração de petróleo e minério de ferro, o setor acumula retração de 6,5% no ano, enquanto a taxa em doze meses ficou em -2,5%.

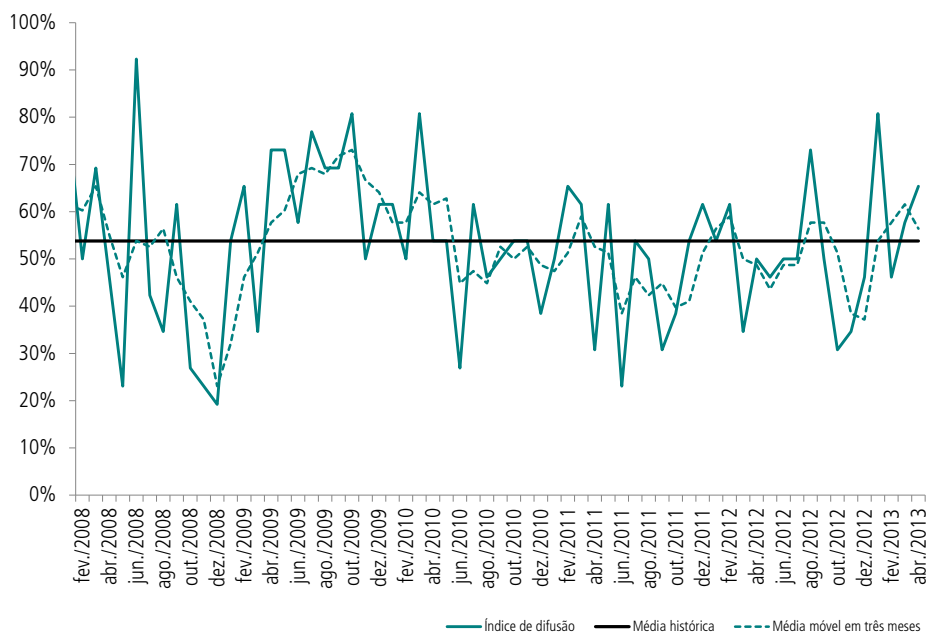
A análise por categorias de uso referente ao resultado de abril revela um crescimento generalizado na indústria de transformação. Tomando por base a série com ajuste sazonal, o principal destaque positivo foi o crescimento de 3,2% da produção de bens de capital, na comparação com o mês de março. Esta foi a quarta alta consecutiva da produção, que acumulou no período um crescimento de 15,5%. Entre as atividades, o resultado foi bastante disseminado, com destaque para os setores voltados para peças agrícolas, construção e uso misto, com altas de 47,2%, 17,9% e 5,6%, respectivamente. A produção de bens de capital para fins industriais não seriados foi a única atividade com variação negativa na margem, tendo contraído 3,6%.

A produção de bens de consumo duráveis registrou a segunda maior taxa de crescimento entre as categorias de uso em abril, na série ajustada. O avanço de 1,1% na margem foi influenciado, uma vez mais, pelo bom desempenho do setor de veículos automotores, que continua respondendo positivamente às boas condições de financiamento

3. O índice de difusão mede a porcentagem das atividades que compõe a indústria de transformação (26) que apresentou aumento na comparação com o período anterior, após ajuste sazonal.

e preço, atingindo expansão de 8,2% na margem. Por sua vez, o setor de bens de consumo semiduráveis e não duráveis interrompeu sequência de duas quedas na margem, avançando 0,9% na passagem de março para abril. Entre as atividades, destacou-se a produção de alimentos, com alta de 4,8% no período. Por fim, a produção de bens intermediários registrou a segunda variação positiva em sequência, avançando 0,4% em abril, na série sem sazonalidade. Entretanto, o setor vem andando de lado desde setembro de 2012, período no qual exibe uma taxa média mensal de crescimento de -0,1%.

GRÁFICO 1.6  
PIM-PF: índice de difusão  
(Em %)

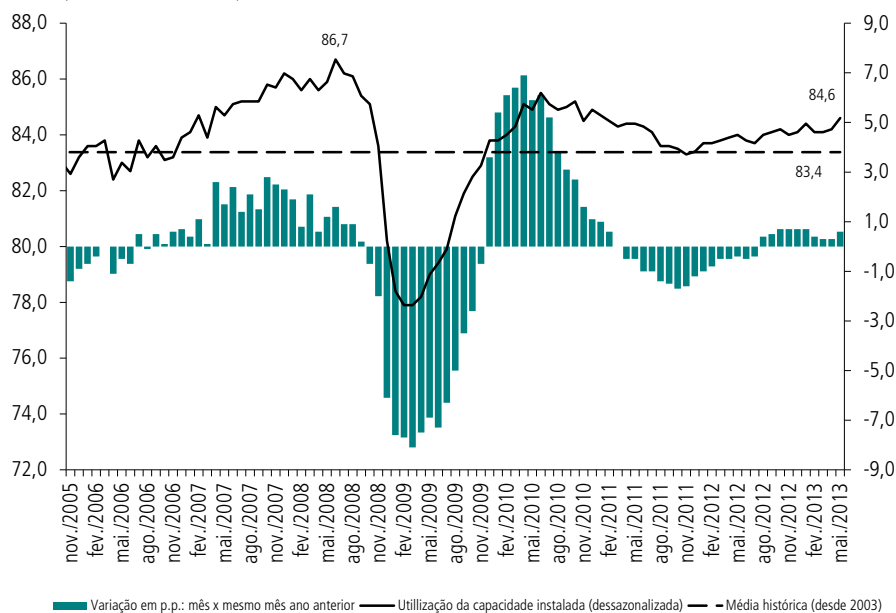


Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Na comparação dos números de abril com os do mesmo mês do ano passado, destaca-se a alta de 24,4% dos bens de capital, a maior desde agosto de 2004, que pode ser creditada aos setores voltados para equipamentos de transporte (+34,0%) e peças agrícolas (33,8%). No acumulado em doze meses, a contração da produção de bens de capital ficou em -4,4% em abril, a quarta melhora consecutiva neste indicador. Em relação à produção de bens de consumo duráveis, a alta de 14,9% no comparativo interanual refletiu o desempenho do setor de veículos, que aumentou 23,9% contra abril de 2012. Com isso, após dezessete meses em terreno negativo, a taxa de crescimento da produção de bens de consumo duráveis em doze meses registrou alta de 1,4%. Já nos bens de consumo semiduráveis e não duráveis, a alta interanual foi de 5,2%, enquanto a variação acumulada em doze meses ficou em 0,7%. Por fim, a categoria de intermediários também registrou crescimento, atingindo patamar 5,0% superior ao de abril de 2012, sendo este o melhor resultado desde novembro de 2010. Com isso, o crescimento acumulado em doze meses passou de -1,5% para -0,9%.

Em relação ao uso dos fatores de produção, de acordo com a pesquisa *Sondagem industrial*, da Confederação Nacional da Indústria (CNI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o nível de utilização de capacidade instalada (Nuci) do setor manufatureiro vem apresentando uma suave tendência de recuperação desde o início de 2013, de certa forma compatível com a trajetória de crescimento moderado apresentada pela indústria de transformação no mesmo período. Em maio, o indicador voltou a crescer, registrando alta de 0,4 p.p. sobre o mês anterior, na série livre de efeitos sazonais (gráfico 1.7). Este resultado coloca o Nuci num patamar 1,2 p.p. acima da média histórica da série, embora ainda esteja distante do pico de 86,7%, atingido em junho de 2008. A análise dos dados provenientes da pesquisa *Indicadores industriais*, da CNI, aponta um cenário similar para o Nuci, que também tem mostrado uma trajetória crescente a partir de meados do segundo semestre de 2012.

GRÁFICO 1.7  
Nuci: CNI  
(Índices dessazonalizados)



Fonte: CNI. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

## COMÉRCIO

De acordo com os dados divulgados na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), realizada pelo IBGE, as vendas reais do varejo restrito cresceram 0,5% em abril em relação ao mês imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Na avaliação dos dados setoriais, os destaques positivos ficaram por conta dos setores de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, com crescimento de 6,4%, e livros, jornais, revistas e papelaria, com aumento de 4,5%. Os setores de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e tecidos, vestuário e calçados apresentaram as maiores quedas, de 1,1% e 0,5%, respectivamente. Vale destacar também a terceira queda consecutiva registrada pelo setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, talvez por conta da trajetória ascendente dos preços de alimentos.

Na comparação entre abril de 2013 e o mesmo período de 2012, o volume de vendas no varejo restrito avançou 1,6%. Nesta base de comparação, destaca-se o crescimento dos setores de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (14,9%), livros, jornais, revistas e papelaria (12,7%) e tecidos, vestuário e calçados (10,2%). Nesta base de comparação o setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo também caiu, contraindo 5,4%. No acumulado em doze meses, as vendas têm demonstrado alguma desaceleração, embora o crescimento de 6,4% ainda seja elevado. No acumulado do ano, o aumento foi de 3% (tabela 1.3).

Com relação ao volume de vendas no varejo ampliado, o mês de abril registrou avanço de 1,9% sobre março, na série dessazonalizada. O setor de veículos, motos, partes e peças apresentou crescimento de 0,4%, enquanto o setor materiais de construção cresceu 1,1%. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o varejo ampliado apresentou um crescimento de 9,1%, com destaque para o setor de veículos, motos, partes e peças, que cresceu 22,4%. Na variação acumulada em doze meses, o varejo ampliado registrou crescimento de 7,7%. No acumulado no ano, o acréscimo foi de 5,1%.

O quadro de lenta recuperação apresentado pela produção industrial no período recente continua contrastando com a trajetória de crescimento das atividades ligadas ao comércio varejista, embora o desempenho das vendas tenha sofrido alguma desaceleração, segundo apontam os dados da PMC. Num cenário em que o nível de estoques situa-se próximo ao planejado, este possível excesso de demanda seria suprido pelo crescimento das importações e/ou pela contração das exportações, implicando a redução das exportações líquidas. A análise do comportamento dos indicadores de consumo aparente da indústria ao longo dos primeiros quatro meses de 2013 corrobora esta hipótese, indicando que uma parte considerável da demanda por bens industriais tem sido atendida via aumento do vazamento externo, dado que é compatível com a contribuição negativa das exportações líquidas para o crescimento do PIB no primeiro trimestre.



TABELA 1.3

**Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento**

(Variação %)

	Mês/mês anterior dessazonalizado <sup>1</sup>			Mês/igual mês do ano anterior			Acumulado	
	Fev./ 2013	Mar./ 2013	Abr./ 2013	Fev./ 2013	Mar./ 2013	Abr./ 2013	No ano	Em doze meses
Comércio varejista (restrito) <sup>2</sup>	-0,4	0,0	0,5	-0,2	4,5	1,6	3,0	6,4
Comércio varejista ampliado <sup>3</sup>	-0,7	0,2	1,9	1,2	3,1	9,1	5,1	7,7
1. Combustíveis e lubrificantes	-2,6	2,7	3,3	-1,0	3,5	8,3	5,0	7,3
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,5	-2,1	-0,4	-2,1	4,1	-5,4	0,0	5,3
2.1 Hipermercados e supermercados	-1,3	-1,5	-0,5	-2,2	4,4	-5,5	0,0	5,6
3. Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	3,8	-0,5	0,5	5,8	10,2	5,6	4,9
4. Móveis e eletrodomésticos	-0,1	0,8	0,7	-1,0	-0,8	9,2	3,3	8,4
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2,3	-1,7	6,4	6,8	4,8	14,9	9,2	9,9
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	-0,1	-5,9	4,5	6,3	2,4	12,7	6,5	6,6
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	7,2	-6,6	-1,1	5,2	-2,0	5,1	4,0	0,2
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,7	0,7	2,5	5,5	15,4	7,0	10,7	10,2
9. Veículos, motos, partes e peças	-1,6	1,9	0,4	3,2	1,4	22,4	8,5	10,1
10. Materiais de construção	0,8	0,7	1,1	4,4	0,0	16,2	7,8	6,4

Fonte: IBGE/PMC. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Notas: <sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo IBGE (método X-12).<sup>2</sup> O indicador do comércio varejista (restrito) é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

Dentro deste contexto, o consumo aparente da indústria de transformação apresentou alta de 3,0% na comparação entre o primeiro quadrimestre de 2013 e o mesmo período do ano passado. Enquanto a produção contribuiu com 1,9 p.p. para este resultado, as importações adicionaram 1,2 p.p. Já a contribuição das exportações foi negativa em 0,2 p.p. Com exceção da produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, o crescimento foi generalizado entre as categorias de uso, com destaque para os setores de bens de capital e bens intermediários, que acumularam expansões de 10,0% e 3,0% no ano, respectivamente (tabela 1.4).

TABELA 1.4

**Indicadores de consumo aparente**

(Variação %)

	Mês/mês anterior dessazonalizado <sup>1</sup>			Mês/igual mês do ano anterior			Acumulado	
	Fev./2013	Mar./2013	Abr./2013	Fev./2013	Mar./2013	Abr./2013	No ano	Em doze meses
Geral	-3,0	-2,4	5,9	-1,3	-1,5	11,9	3,8	-0,5
Classes								
Extrativa mineral	-	-	-	-	-	-	-	-
Transformação	-2,0	-1,6	6,5	-1,6	-2,8	10,9	3,0	-0,9
Categorias de uso								
Capital	-1,0	-2,0	13,6	3,8	0,7	25,1	10,0	-1,9
Intermediários	-2,9	-1,7	3,6	0,0	-0,4	7,3	3,0	-0,3
Consumo	-3,2	0,9	1,7	-6,1	-5,2	7,7	-0,3	-1,0
Duráveis	-2,5	4,4	-0,2	-6,7	-4,6	12,9	1,3	-1,4
Semiduráveis e não duráveis	-2,1	-1,9	2,6	-5,3	-4,9	6,5	-0,3	-0,6

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Nota: <sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo Ipea por meio do método X-12.

## OUTROS INDICADORES E PERSPECTIVAS

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br) registrou avanço de 0,8% na passagem entre março e abril na série dessazonalizada, deixando um carregamento estatístico de 1,5% para o segundo trimestre. Na comparação com abril de 2012, o indicador acelerou de 1,2% para 7,3%, melhor resultado desde fevereiro de 2011. Este resultado já era esperado e refletiu o bom desempenho, tanto da produção industrial (+1,8%) quanto do comércio varejista ampliado (1,9%).

De um modo geral, as perspectivas para este ano continuam apontando para uma trajetória de recuperação da atividade econômica, embora alguns fatores possam reduzir o seu ritmo. Em relação à demanda por bens, que continua a apresentar bons fundamentos, alguns fatores têm aumentado o grau de incerteza a respeito da trajetória futura do consumo. Em primeiro lugar, o menor aumento conferido ao salário mínimo (SM) este ano, associado ao comportamento dos níveis de preços, têm contribuído para suavizar os ganhos reais de renda, influenciando negativamente o consumo de bens semiduráveis e não duráveis, como atestam os dados do varejo divulgados da PMC. Em segundo lugar, a mudança de direção na política monetária pode vir a interromper o processo de redução verificado nos indicadores de inadimplência. Como agravante, os níveis de comprometimento da renda das famílias com os serviços de dívidas passadas continuam relativamente elevados, o que pode estar restringindo o espaço para novas compras, especialmente de bens duráveis. A este respeito, no entanto, a extensão do prazo para o encerramento das desonerações relativas ao Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) parece estar contribuindo para a manutenção de um bom desempenho das vendas em alguns segmentos de duráveis, como é o caso dos autoveículos.

Alguns dos fatores listados acima, somados a um menor grau de aquecimento no mercado de trabalho, podem estar por trás da trajetória recente de queda dos níveis de confiança das famílias. Segundo a pesquisa *Sondagem do consumidor*, da FGV, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) relativo a maio voltou a cair na margem, recuando 0,4% frente ao mês anterior. Com isso, a perda acumulada desde outubro passado já chega a 7,1%. Na composição do resultado de maio, enquanto o indicador responsável por medir o otimismo em relação à situação presente subiu 0,9%, o índice referente às expectativas em relação aos próximos meses retraiu 1,2%. A queda no otimismo verificada nos últimos meses também pode ser vista na média móvel trimestral do indicador, mostrando um recuo persistente desde junho de 2012 (gráfico 1.8).

GRÁFICO 1.8  
ICC (média móvel de três meses)  
(Setembro de 2005 = 100)



Fonte: FGV. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Já o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC), produzido pela CNI, mostrou alguma melhora no mês de maio, registrando alta de 1,8% na margem, praticamente revertendo a queda verificada no mês anterior. Apesar disso, o indicador ainda se encontra 2,5% abaixo do patamar de novembro último, pico da série em 2012. Entre os componentes da pesquisa, houve melhora generalizada em relação ao mês de abril, com exceção das expectativas sobre a evolução do desemprego, que ficaram mais pessimistas em 1,1%.

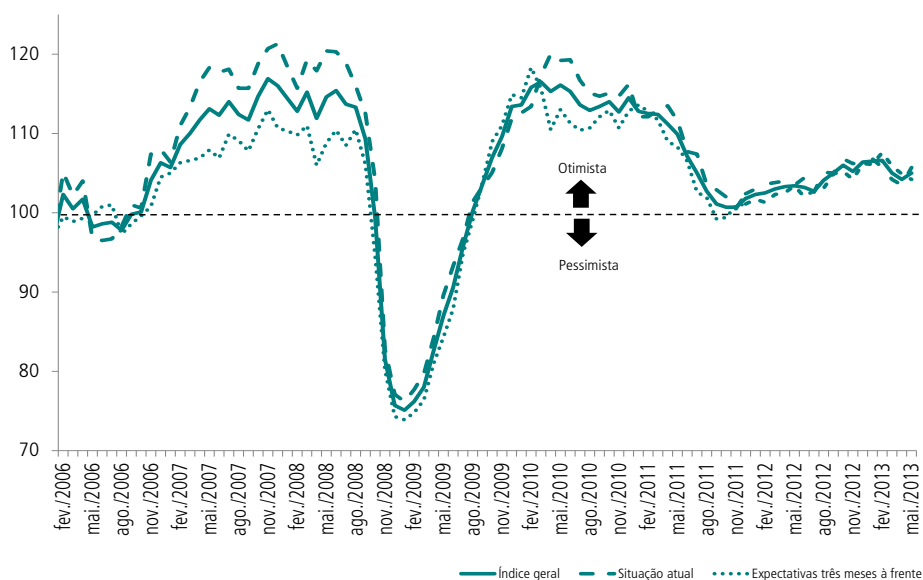
Refletindo um nível de otimismo mais comedido por parte das famílias, os resultados preliminares a respeito do desempenho do comércio varejista em maio sugerem a manutenção de um ritmo moderado de crescimento. Enquanto o indicador Serasa Experian de atividade do comércio registrou leve alta de 0,2% na passagem de abril para maio, na série livre de influências sazonais, os dados divulgados pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) mostram um crescimento de 2,9% nas vendas no setor automotivo (autos, comerciais leves, caminhões e ônibus). Já a Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (ABRAMAT), em pesquisa divulgada em seu termômetro mensal do mês de maio, indica uma visão de otimismo para os meses de maio e junho por parte dos empresários.

No que diz respeito à demanda por serviços, os indicadores antecedentes também apontam para alguma desaceleração. O Índice de Confiança de Serviços (ICS), medido pela FGV, registrou a segunda queda consecutiva em maio, recuando 0,7% na comparação com o período anterior, na série livre de efeitos sazonais. Este resultado, no entanto, foi pouco disseminado. Entre os doze segmentos pesquisados, apenas cinco apresentaram recuo de confiança. A piora da confiança resultou da queda de 4,4% no Índice de Situação Atual (ISA-S) e do recuo de 1,5% no Índice de Expectativas (IE-S). O Índice de Gerentes de Compras – Purchasing Managers Index (PMI) – relacionado ao setor de serviços também perdeu fôlego em maio, recuando para 51,0 pontos ante 51,3 pontos verificados no mês anterior,<sup>4</sup> refletindo uma menor expansão do volume de novos pedidos em relação ao mês de abril.

Com relação à indústria, vale destacar que o seu desempenho nos últimos meses, embora ainda apresente certa volatilidade, tem representado uma melhora em relação ao quadro de estagnação que vinha caracterizando a atividade manufatureira desde o segundo semestre de 2010. Ao longo dos quatro primeiros meses de 2013, a indústria de transformação acumulou uma expansão de 2,1%, com especial destaque para o setor de bens de capital, que cresceu 13,4% no mesmo período. Entretanto, pelo fato de ainda estar enfrentando uma série de restrições, essa recuperação tem se mostrado pouco disseminada entre as atividades produtivas. Como consequência, a produção de bens intermediários, categoria de uso com o maior peso na PIM-PF, permanece estagnada, impedindo uma retomada mais forte do setor.

As incertezas ainda presentes sobre a capacidade da indústria de iniciar um ciclo de expansão mais vigoroso se refletem nos níveis de confiança dos empresários que, embora permaneçam em terreno positivo,<sup>5</sup> continuam bem abaixo do patamar que antecedeu a crise financeira internacional. De acordo com a pesquisa *Sondagem conjuntural da indústria de transformação*, da FGV, após duas quedas consecutivas, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) cresceu apenas 0,1%, voltou a crescer entre na passagem de abril para maio, avançando 0,8% na série com ajuste sazonal. Enquanto o ISA cresceu 2,1%, interrompendo três recuos em sequência, o IE voltou a cair, contraindo 0,7% na margem. Outra pesquisa sobre o assunto, produzida pela CNI, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), manteve-se virtualmente estável em maio, passando de 55,4 pontos para 55,5 pontos, embora o indicador que avalia a percepção da situação atual se encontre na zona de pessimismo ao longo dos cinco primeiros meses de 2013 (gráficos 1.9A e 1.9B).

GRÁFICO 1.9A  
Evolução do nível de confiança da indústria: ICI  
(Índice dessazonalizado)



Fonte: FGV. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

4. Valores acima de 50 pontos indicam crescimento da atividade.

5. O índice varia numa escala que chega até 200 pontos, sendo que valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

GRÁFICO 1.9B

**Evolução do nível de estoque do empresário industrial: Icei**

(Índice)



Fonte: CNI. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Além das indicações de confiança moderada por parte dos empresários, os resultados referentes aos indicadores antecedentes da produção industrial de maio também sinalizam para um cenário ainda incerto no tocante a uma recuperação mais vigorosa da indústria. De acordo com o PMI, a atividade do setor manufatureiro brasileiro desacelerou em maio pelo quarto mês consecutivo e o ritmo de expansão atingiu o menor patamar em sete meses, também com redução de empregos. Na comparação com abril, o indicador passou de 50,8 para 50,4, aproximando-se do patamar de 50 pontos, que separa crescimento de contração. Já a produção de automóveis, de acordo com os dados divulgados pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), também desacelerou em maio, avançando 0,8% ante o mês anterior, na série ajustada sazonalmente. Outros indicadores bastante correlacionados com o comportamento da produção industrial também apresentaram fraco desempenho em maio, como foi o caso do fluxo de veículos pesados em estradas com pedágio e das vendas de papelão ondulado, que registraram quedas de 4,1% e de 3,2% na margem, respectivamente. Por outro lado, após apresentar expansão nos últimos três meses, o nível de estoques na indústria voltou a recuar em maio, contraindo 2,5% ante o mês de abril (gráfico 1.10). Com base nestes e em outros indicadores, o modelo de previsão do Ipea para o resultado de maio da produção industrial aponta um recuo de 1,6%.

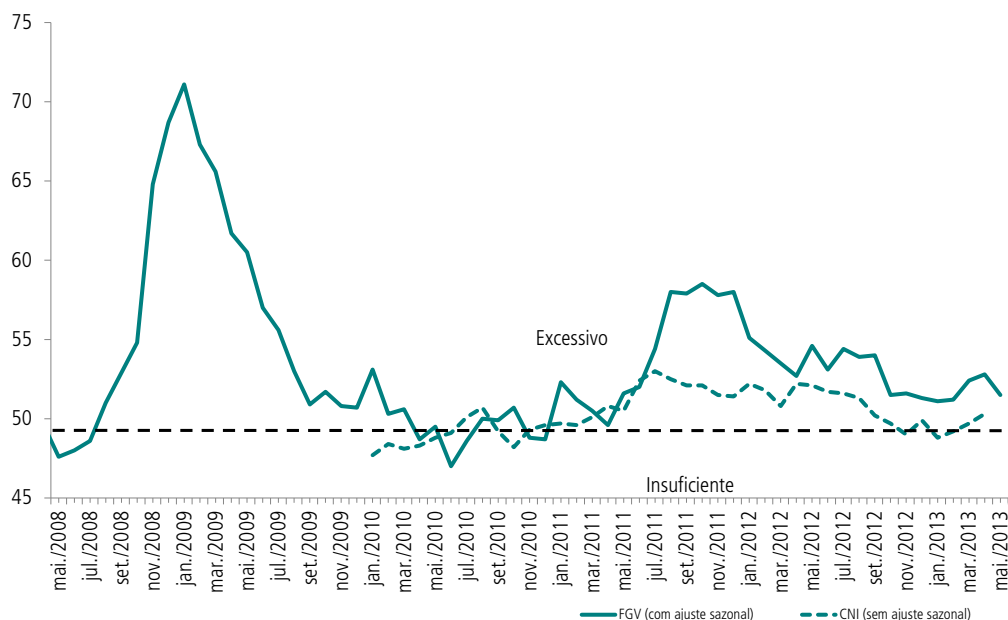
Por fim, com relação à FBCF, a análise dos indicadores antecedentes aponta para a manutenção do bom desempenho dos investimentos no início do segundo trimestre de 2013, com avanço de 8,0% do Indicador Ipea de FBCF em abril, após ajuste sazonal. Este bom resultado se explica, em grande medida, pela evolução do Came, que apresentou alta de 13,6%, na série dessazonalizada. De acordo com os dados divulgados pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), enquanto as importações de bens de capital em volume recuaram 1,9% na mesma base de comparação, as exportações retraíram fortemente, com queda de 23,1%. Somado a isso, a produção doméstica de bens de capital avançou 3,2% no mesmo período, segundo a PIM-PF. Em maio, por outro lado, a desaceleração ocorrida nas vendas de caminhão e ônibus tende a gerar um impacto negativo na produção.

Outro indicador relevante para a análise das perspectivas para a evolução do investimento é o volume de consultas para novos empréstimos junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que encerrou o primeiro trimestre de 2013 com queda de 12,9%<sup>6</sup> na comparação com o mesmo período de 2012. Este resultado pode ser explicado pelo forte recuo de 40,4% nas consultas para projetos ligados à indústria, enquanto no setor de infraestrutura o recuo foi de 10,4%. Por outro lado, os destaques positivos ficaram por conta da agropecuária, que aumentou a procura por financiamento em 74,3% e do setor de comércio e serviços, onde a alta ficou em 21,4%.

6. As informações sobre consultas e desembolsos foram calculadas a preços constantes de 2012, com base no deflator implícito da FBCF, referente à pesquisa Contas Nacionais Trimestrais.

GRÁFICO 1.10

**Evolução do nível de estoques na indústria de transformação: efetivo versus planejado**



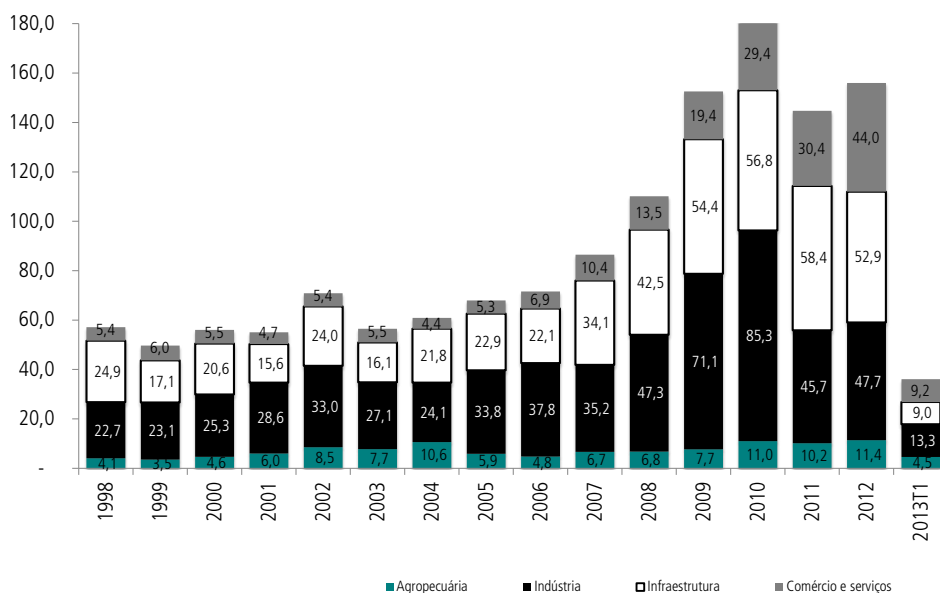
Fontes: FGV e CNI. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Já com relação aos desembolsos, que se relacionam aos investimentos efetivamente realizados no período, o total de R\$ 36,0 bilhões no acumulado no primeiro trimestre, a preços constantes, significou um aumento de 47,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, refletindo a importante participação dos programas de estímulo do governo. O grande destaque foi o setor de agropecuária, para o qual os desembolsos registraram alta de 106,4%, confirmando o bom desempenho destes componentes no resultado do PIB. Os financiamentos para o setor industrial também registraram forte aumento no primeiro trimestre do ano (105,8%). Por sua vez, o setor de infraestrutura foi o único a apresentar retração na comparação com o ano anterior, com recuo de 9,5% no volume de desembolsos (gráfico 1.11).

GRÁFICO 1.11

**BNDES: total de desembolsos**

(Em R\$ bilhões de 2012)



Fonte: BNDES. Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Já a produção de insumos da construção civil (também divulgada na PIM-PF), utilizada como *proxy* para outro importante componente da FBCE, acelerou sua taxa de expansão na passagem de março para abril, de 0,2% para 2,4% já livre dos efeitos sazonais. Na comparação interanual, o resultado também foi positivo, e o crescimento de 9,7% foi o maior desde fevereiro de 2011. Por outro lado, o índice de confiança da indústria da pesquisa *Sondagem da indústria da construção*, da CNI, sugere um cenário menos otimista para o setor. De acordo com os dados referentes a abril, tanto o indicador de evolução do nível de atividade quanto a utilização da capacidade de operação mostraram recuo. Além disso, as expectativas dos empresários para os próximos seis meses pioraram em todos os quesitos, quais sejam: nível de atividade, novos empreendimentos e serviços, compras de insumos e matérias-primas e número de empregados.